

O circo chegou

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do TRF da 5ª
Região

Em Sousa, minha terra natal, a fada morena do sertão paraibano, dois eventos marcavam as emoções da cidade: a festa da padroeira e a chegada do circo.

Hoje, escreverei sobre esta autêntica universidade de lona, o inesquecível Circo Nerino.

Lembro-me, menino que era, a minha alegria quando vi o desfile do elenco pelas ruas da cidade sorriso, com o locutor anunciando a presença do Circo Nerino, “o mais querido do Brasil”, e o espetáculo de estréia às vinte horas, na Praça da Matriz.

Somente quem morou no interior pode avaliar o sentimento de alegria, no momento em que o circo ali se instalava.

Sem dúvida, o gracejo do palhaço, a habilidade do mágico, a formosura da bailarina, tudo isto mexia com a vida do lugar.

Sem televisão, com dificuldade de captar o som de emissoras de rádio, o homem do interior divertia-se - quando não era tempo da festa da padroeira - com os concertos de bandas de música no coreto da praça principal.

Por isso, toda cidade, que buscava cultivar valores espirituais, tinha o seu coreto, o espaço cultural da terra.

Sousa, por exemplo, tinha o seu, na Praça da Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, onde, até metade dos anos cinqüenta, a Banda de Música União Souse, sob o comando do maestro Nicodemos Gadelha, quebrava a rotina da cidade, todos os domingos à noite.

Assim, o tema do meu ensaio, hoje, repita-se, é o livro que terminei de ler – Circo Nerino – escrito a quatro mãos por Roger Avanzi e Verônica Tamaoki, Editora Códex, 354 páginas.

Os autores da obra são figuras que viveram a história do Circo Nerino, desde 1913 a 1964, meio século levando alegria, entretenimento, cultura pelo Brasil inteiro.

O livro é a saga do velho Nerino, descrita por Roger Avanzi, hoje com 87 anos, filho do lendário Nerino, o ágil e alegre palhaço Picolino, a quem o substituiu, quando o tempo o exigiu.

Verônica Tamaoki é a responsável pelo alentado trabalho de pesquisa que empreendeu e pela limpidez do texto.

Bailarina e equilibrista, criou um escola de circo, na Bahia, em Salvador, onde prepara jovens para o mundo circense, a Escola Picolino.

Lendo Circo Nerino, cada um de nós tem o passado a seus pés. É que o livro é rico em documentação e na rememoração de fatos que não podem ser esquecidos, como, por exemplo, a cena vivida no interior do Ceará, em 1952, em plena seca, quando os artistas abandonam o espetáculo e misturam-se ao público, dançando alegremente, porque inesperada chuva caída trazia esperança àquele povo.

Inesquecível, igualmente, a estratégia usada pela administração do circo, que viajava, à noite, de navio, na escuridão em plena Segunda Guerra, para evitar torpedos.

Agora, é ler o livro, com a proustiana sensação de que o circo chegou, e com ele as saudades da bailarina, do trapezista e do palhaço.